

VICENTE GARCÍA DE DIEGO LÓPEZ — *Orientaciones sobre el género en latín, con especial estudio de la sinonimia genérica.* Tesis del doctorado de Filosofía y Letras. Sevilha, Imprenta Suárez, 1947. viii + 108 pp.

À noção linguística de género estão ligados vários e curiosos problemas. Esta categoria gramatical, por ser das que mais provam a enorme diferença entre *lógica* e *língua*, presta-se a estudos interessantes, cujo

método tem de ser essencialmente o psicológico. Um desses problemas é o das causas ou causa da mudança e vacilação do género dos nomes: *amnis* era feminino na época arcaica (Plaut., *Merc.*, 5, 2, 18: *Neque mihi ulla obsistet amnis*) e tornou-se masculino na clássica (Virg., *Geórg.*, 1, 10); *anguis* era feminino na época arcaica e também na clássica, mas era frequente aparecer, numa e noutra, como masculino.

Curioso deste e de outros factos, o Prof. Vicente García de Diego López, filho do ilustre romanista Vicente García de Diego, dedicou-se com afã a procurar a norma ou normas que haviam servido de guia a estas mudanças e a outros casos considerados como exceções às tradicionais regras do género. A sua tese é de que na história do géneros dos nomes desempenha papel importante a relação e interposição dos sinónimos e a influência do nome genérico em toda uma série de nomes específicos: *amnis* passou a masculino por nítida influência de *fluvius*; *anguis* oscila entre os sinónimos femininos *aspis*, *colubra* e *uipera* e os masculinos *draco*, *coluber* e *serpens*; *uestis*, feminino, deveria ter exercido alguma influência nas palavras específicas, na sua maioria femininas.

É evidente que a análise do Prof. Diego López não se limita a estes casos de nítida transparência do processo, mas a outros mais subtils e em que o esquema ideográfico e psicológico é mais complicado. São estudados cerca de uma centena de sinónimos. A mudança ou vacilação do género das palavras é não só considerada no domínio do latim clássico (*alius*, *humus*, *uirus*, etc.), como no do baixo-latim (*inguenj*), no do românico (*funis*, *flos*, *frigus*) e no do castelhano (*ingle*, *cumbre*, *madero*, *tejo*, *huerta*, etc.)

Antes de nos referirmos mais pormenorizadamente a este trabalho, que constitui a tese de doutoramento do A., realizado em Junho de 1936, importa dar uma ideia geral do seu conteúdo, transcrevendo o essencial do seu índice analítico:

*Introducción*: A) Reseña histórica del género; B) Procedimientos para indicar el género y su prioridad: 1º Empleo primitivo de nombres de diferente raíz: a) en las personas; b) en los animales. 2º Por adición de otra palabra; 3º Por modificación o ampliación del morfema: nombres en *a* masculinos, en *a* femeninos, en *o* masculinos.

*Interposición de sinónimos modificadora del género*:

A) *Influencia de un sinónimo en el género de otro de parecida extensión semántica*: 1º Una palabra cambia de género sin simultanearlo con otro. 2º Una palabra cambia de género, pero este nuevo coexiste con el anterior, aunque con diferente valor. 3º Una palabra empieza a vacilar de género sin decidirse resueltamente por ninguno.

B) *Influencia entre el individuo y el supuesto genérico*. Nombres de árboles y frutos, arbustos, plantas y hierbas, naves, rios, mares, meses, vientos, vestidos, metales.

No seu trabalho, o A. segue, quanto à investigação, o método psicológico, sem desprezar, como é óbvio, o histórico, e quanto à exposição, o que não é vulgar, o indutivo, o que nos revela uma óptima orientação de espírito; aliás, o Prof. García de Diego declara expressamente a sua

antipatia pelas classificações *a priori*. Em virtude do método seguido, o A. receia que o possam acusar de o seu estudo carecer de unidade de plano e, para antecipar quaisquer objecções, declara que «no hay que olvidar que su carácter eminentemente psicológico traba a la perfección todas las cuestiones tratadas». Julgamos sem fundamento este receio, pois o trabalho obedece a um plano bem definido e perfeitamente concatenado. Basta apenas seguir *interessadamente* os raciocínios e processos de aproximação psicológica a que o A. recorreu.

Partindo das regras tradicionais sobre o género, necessitava Garcia de Diego de se referir à fixação dessas regras. É o que faz, dando-nos uma resenha histórica do género, que ocupa as 26 primeiras páginas da sua tese. O seu valor está, essencialmente, em ser uma compilação e síntese crítica e metódica, a que acrescenta algumas observações próprias e algumas restrições às alheias, dos elementos dispersos sobre o assunto. Meillet, Vendryes, Lohman, Lommel e outros são as suas principais fontes de informação. Além do mais, esta resenha tem o mérito de pôr melhor em evidência a novidade das conclusões, como o próprio A. declara. São comentados os problemas essenciais do género: género animado e inanimado; como nasceu a distinção entre masculino e feminino; morfemas do feminino e sua procedência; antiga relação entre o neutro e o feminino; mudança de género originada pela diferença de concepção; a flexão nominal e o género; processos para indicar o género e sua prioridade.

Passa em seguida à parte principal do seu trabalho: mostrar a importância dos sinónimos na história do género dos nomes. Não são, de um modo geral, estudadas as circunstâncias da mudança do género, isto é, nem o tempo durante o qual a palavra teve este ou aquele género, nem a sua extensão nas diversas fronteiras linguísticas, mas sim a mudança em si e as razões psicológicas que a determinaram. A associação de ideias tem uma importância capital nos factos considerados, e as associações estudadas são ou semânticas, ou formais, ou semânticas e formais: *aluis*, *annis*, *funis*, *humus*, etc. sofreram a influência de um sinónimo de parecida extensão semântica, mas de género diferente, e passaram, a primeira a feminina por influência de *cella*, a segunda a masculina por influência de *fluuius*, a terceira a feminina por influência de *chorda*. A quarta sofreu igual mudança por influência de *terra* e *tellus*, etc., etc.

Por vezes, a mudança dá-se não só no género, mas na própria terminação: *fretus* > *fretum*, *balteus* > *balteum*, por influência respectivamente de *mare* e *cinctorium*. Mas *frigus* > *frigor*, por influência do antónimo *calor*. Os plurais como *loca*, *carbasa*, *ioca*, que estão em desacordo com o singular, sofreram também operações idênticas: u. g., *carbasus*, fem., por influência de *umbracula* e *uelta* criou um neutro *carbasa*, que, por sua vez, origina um singular neutro, *carbasum*.

Noutra direcção, há palavras que mudam de género, mas este novo género coexiste com o anterior com diferente valor. No latim existia só *hortus*; no castelhano há *huerto*, mas também existe *huerta* por influência de *finca*, *heredad* e *pieza*. É apresentada uma longa lista de objectos agru-

pados em categorias (recipientes caseiros, calçado, perfurações naturais e artificiais da terra), cujo nome mudou de género em castelhano.

Antes de prosseguir, façamos um leve reparo: raramente se cita o português e, muitas vezes, a grafia da palavra referida denota um deficiente conhecimento da nossa língua; por exemplo, *cavallo-egoa* (p. 19); com um conhecimento mais profundo do português, teriam sido valorizados alguns dos comentários. É estranho que, ao referir-se *flos*, o A. cite o francês, o italiano, o provençal e o catalão e se esqueça da nossa *flor*. A propósito de *huerta* seria interessante que o A. não desse a impressão de desconhecer que em Portugal temos *horta*, e com um sentido completamente diferente no Norte e no Sul (Alentejo) do País. É natural que o nosso *horta* do Sul tenha influência de «*las huertas*» em oposição ao «*campo sembrado de cereales*». Sobre *talego*, coexistem no Alentejo *um talego* e *uma talega* (Amareleja, concelho de Moura) e, portanto, o feminino árabe persiste. Nos seus comentários acerca de *finis*, nota-se igual abstenção na referência ao português. São tanto mais para estranhar estes factos quanto é certo que o A., no prefácio do seu trabalho, escreve: «por estudiar cada palabra en su propio ambiente y en su recorrido histórico no he reparado en recoger datos que no fueran exclusivamente lingüísticos ni tampoco me ha detenido el tener que continuar su investigación a través de diferentes fronteras idiomáticas, pues la finalidad era no romper su hilo psicológico.» Evidentemente, esta restrição não diminui o valor do trabalho do A., visto que nem pelos seus intuitos nem pelo seu âmbito são essenciais a citação e conhecimento dos fenómenos e particularidades das línguas românicas.

Estudam-se em seguida algumas palavras que vacilam de género, mas sem se decidirem por nenhum: mudam o seu género segundo um sinónimo de outro género e conservam o primeiro por influência de outro sinónimo do mesmo género. É o caso de *cinis*, que emparecia com *ignis*, *fumus*, *puluis*, mas também com *pyra*. A própria palavra *puluis* estava de um lado apoiada em *campus* e *circus* e de outro em *terra*.

Muitos outros factores, factos e influências várias são estudados e postos em relevo pelo que respeita aos vocabulários comentados, todos conducentes a comprovar a influência da interposição de sinónimos como modificadora do género das palavras.

Finalmente, são estudados os casos de influência genérica. O A. supõe que a uniformidade do género de certas séries de nomes, a não ser casual e obedecer a um conceito geral que envolve toda a série, poderia resultar da influência do género da palavra geral que representa toda a série. Partindo desta suposição, analisa o género nas séries de árvores, arbustos, plantas, ervas, naus, rios, mares, ventos, vestidos e metais. Nos nomes de árvores e frutos, o conceito de «fecundidade» sobrepõe-se a qualquer outra consideração. Nos outros nomes, porém, não havia qualquer conceito que reclamasse um determinado género. O género do nome genérico (*nauis*, *uestis*, *metallum*, *uentus*, *rius*, etc.) devia ter exercido notável influência sobre os nomes específicos.

São estas as interessantes ideias e a valiosa tese exposta pelo A., sempre com uma segurança impecável e com abundante material de justificação das suas asserções. O trabalho foi escrito em 1936 e publicado em 1947. Neste período de tempo, o A. reconhece que poderia ter manejado um material moderno e o seu trabalho ter saído melhorado. A Guerra Mundial malogrou, porém, este lícito desejo. Têm, por isso, de ser relevadas algumas faltas e esquecidas algumas exigências que se poderiam formular.

A. GOMES FERREIRA